

Desafios do(s) feminismo(s) na perspectiva da transformação social

Guacira César de Oliveira

Na nossa modernidade latino-americana, tão desiludida, a democracia continua sendo o reino dos senhores brancos. Mesmo reconhecendo o tamanho das barreiras, as feministas decidiram, faz tempo, ocupar o espaço da democracia, reconfigurá-lo, redefini-lo: democracia em casa e no mundo! Democracia na vida cotidiana e no sistema político. É contraditório? Sim, mas também é transgressor. Trata-se de desconstruir a democracia, desnudando todas as suas insuficiências e denunciando a forma como ela opera para manter e reproduzir a mesma ordem injusta e autoritária; e, ao mesmo tempo, radicalizar a democracia para que se possa conduzir o processo de transformação social.

A estratégia subversiva do feminismo, que tanto se identifica com a luta pela democracia, quanto continuamente esgarça os seus limites, é exatamente o que lhe confere autoridade política para enfrentar a crise atual da própria democracia na América Latina. O sistema democrático está em xeque porque as suas instituições são incapazes de dar conseqüência aos valores fundamentais de liberdade, igualdade e solidariedade. Basta constatar o grau de concentração de riqueza e poder que se alcançou durante a vigência dos recentes regimes democráticos em nossa região. O estreitamento da esfera pública, provocado pela usurpação dos recursos e do poder público, tanto pela corrupção, pela privatização, quanto pela fraude da representação política, são elementos que falam alto sobre a falência do sistema.

Pediram-me para escrever sobre os desafios atuais do feminismo. E por mais que eu tente buscar algo menos avassalador, do lugar onde eu me encontro, no feminismo com o qual eu me identifico (há muitos feminismos, não se pode esquecer), chego à conclusão que o desafio é transformarmo-nos como movimento, ao mesmo tempo em que transformamos o mundo. É muito! Mas parece que o estrago é de tal dimensão que não dá para ser menos. Nossa ação na esfera pública tem de ser capaz de questionar e ao mesmo tempo re-articular o interesse da sociedade; tem de afirmar nossas propostas e disputá-las na arena política, onde diferentes sujeitos da transformação social atuam, num percurso - é duro dizer - imprevisível e indeterminado, porque não há "luz no fundo do túnel".

O feminismo está provocado a se pensar e se organizar como movimento. No processo de diálogo entre os feminismos construídos entre as organizações feministas, de mulheres negras e indígenas, de lésbicas, de sindicalistas, de trabalhadoras rurais, de acadêmicas, de trabalhadoras domésticas, há muitos atritos que felizmente vêm nos deslocando e permitindo novos alinhamentos: o feminismo anti-racista, a aliança de parentesco entre negras e indígenas, por exemplo, revelam que o esforço do movimento para enfrentar as suas fragmentações, divisões, barreiras de identidades e conflitos de interesses, consegue fazer avançar.

É um grande desafio para o nosso movimento transpor os limites do

pensamento político para além das identidades e abarcar a angústia de ser negra, de ser indígena, de ser lésbica, de ser super-explorada no mercado de trabalho ou de estar excluída dele. Temos de afirmar e valorizar as diversas perspectivas que se construíram a partir da elaboração e do acúmulo trazido pelas mulheres em suas diferentes inserções políticas, sem homogeneizar a opressão num ser mulher genérico. Trata-se de realizar operações que sejam capazes de lidar com os nossos conflitos e contradições, de reconhecer os campos de força, referências e capacidades, e enfrentar as desigualdades e hierarquias no próprio movimento feminista. A tarefa consiste em incitar processos de negociação e tradução políticas, desafiando o pensamento a superar a aritmética simples da soma entre diferentes forças políticas, para podermos chegar a resultados mais complexos.

O desafio de transformar o mundo enquanto nos transformamos a nós mesmas implica, além de desenvolver estratégias políticas para o fortalecimento do próprio movimento, em também ter estratégias para estar frente e junto a outros movimentos sociais. Porque esta articulação pode construir uma arena política vigorosa. Mas, para isso, é preciso muita disposição, afinal, sabemos de longas datas como é penosa a batalha contra as hierarquias que se estabelecem entre as lutas dentro dos espaços dos movimentos sociais. Um dos desafios do feminismo, por isto mesmo, é fortalecer os seus princípios para não se diluir. É preservar a sua autonomia política e ser capaz de se movimentar no contexto da crise com o sentido e pelos caminhos que a análise feminista conduz.

Tenho a impressão que destas confluências, entre nós mesmas e com os outros, podem surgir as condições para uma crítica muito mais consistente ao sistema capitalista, ao etnocentrismo, ao racismo, ao patriarcado, que possibilitarão ao feminismo, como movimento, enfrentar com a radicalidade que o momento político exige, as relações dominantes de poder e construir alternativas para que outros mundos, bem melhores, sejam possíveis.

[i] Guacira César de Oliveira é diretora colegiada do Centro Feminista de Estudos e Assessoria, integrante da Coordenação Executiva da AMB e representante da AMB na Articulación Feminista Marcosur.